



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

JOSIMAR DA SILVA

**ESCRITAS QUE TRANSFORMAM: DA FORMAÇÃO À PRÁTICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Rio de Janeiro

2020

JOSIMAR DA SILVA

**ESCRITAS QUE TRANSFORMAM: DA FORMAÇÃO À PRÁTICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Liana Garcia Castro

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Si381e Silva, Josimar da

Escritas que transformam: da formação à prática na educação infantil /
Josimar da Silva.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–
36 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação
Infantil.

Orientador Professora Liana Garcia Castro

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação.
I.Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-
Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

JOSIMAR DA SILVA

**ESCRITAS QUE TRANSFORMAM: DA FORMAÇÃO À PRÁTICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

PROFESSOR ORIENTADOR

PROFESSOR LEITOR

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro,

JOSIMAR DA SILVA

Dedico este trabalho ao Senhor Deus todo poderoso, dono do céu e da terra, que me fortalece a cada amanhecer. Nas dificuldades e nas alegrias, eu o busco e agradeço toda honra e glória para o Deus que me sustenta. Obrigada Deus, pelo seu cuidado e amor comigo.

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Bíblia Sagrada. Mateus 6.33)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me manter de pé. Às pessoas que ao longo da trajetória me acompanharam com abraços, palavras de fé, companhia, trabalhos de pesquisa, estudos diversos nesse processo acadêmico.

Ao meu marido Fabio do Nascimento Silva e meu filho Lucas do Nascimento Silva, pela força, paciência. Mesmo cansados depois de um dia de trabalho estavam sempre à minha espera na estação. A minha família: irmão, sobrinhos, primos, primas, que nunca me faltaram com palavras de apoio.

Meus agradecimentos a Direção EDI Carmen Miranda: Jaqueline Gobira e Cristina Ferreira, que sempre me apoiaram nos estudos.

Ao meu grupo amado de Agentes de Educação Infantil do EDI Carmen Miranda, que me abraçaram, na caminhada do aprender a aprender: Júlia Paula dos S. Silva, Enília Conceição Salles, Sandra Mara Sousa, Jorge Galvão, Adriana Sá, Cristiano B. Faustino e Lucia Helena Fernandes.

Com todo o meu carinho, agradeço ao corpo docente do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, pelo acolhimento recebido ao longo do período, dedicação dos professores, direção e pessoal de apoio. Todos empenhados em não largar as mãos de ninguém, me fazendo perceber que cada um tem o seu talento e jeito de estar no mundo, que somos uma ciranda naquilo que queremos ser, descobrindo-nos a cada desvendar de encontro.

Agradeço à turma 2018, aos que não conseguiram ficar e aos que juntos formamos um grupo de luta e resistência. Aprendi que ser grupo também é ser divergente. Em especial, para todos, pela luta, garra e força que me fizeram levantar nas vezes que tropecei.

“Para as crianças o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite” (ALVES, 2004).

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo apresentar a trajetória da própria formação no Curso Normal Superior. Foi feita através da escavação de memórias dos três anos do curso, nos diversos registros acumulados: sínteses das aulas, fotografias, textos estudados, entre outros. Nesse processo, o tema do trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil surgiu como interesse de aprofundamento. O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, trago minha história antes e depois da chegada ao Pró-Saber e a concepção de educação do curso. No segundo capítulo, descrevo as disciplinas, professores, aprendizagens e experiências vividas no espaço de formação docente. No terceiro capítulo, trato do tema Linguagem Escrita na Educação Infantil, inspirada nos encontros com as disciplinas.

Palavras-Chave: Escrita. Formação Docente. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FORMAÇÃO E APRENDIZADO	12
1.1 Entre estudos	12
1.2 Uma visão positiva	13
1.3 Escuta e Convivência	14
2 HISTÓRIAS SENTIDAS	17
2.1 O primeiro ano	17
2.2 O segundo ano	22
2.3 O terceiro ano	26
3 EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM	29
3.1 O que cabe na Educação Infantil?	29
3.2 Reflexões sobre algumas experiências	31
3.3 Proposições para o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Atender crianças, na Educação Infantil, é uma dinâmica não só de afetividade e empatia como também de conhecimento sobre elas. Como pensam, agem e lidam com o cotidiano ao seu redor? Observa-se que, quando chegam ao espaço da creche, trazem sua cultura e vivências familiares; convívio, falas e ações as traduzem. O papel do professor, nesse momento, é de olhos e ouvidos na atenção que será fundamental para o início de uma jornada de comunicação e expressões que se dará com incentivo. É desafiar-se para unir teoria à prática.

Nas aulas no Pró-Saber, em constante aprendizado sobre o cuidar e educar na Educação Infantil, a linguagem escrita me mantém alerta de como podemos desenvolver esse processo com as crianças. Em todas as disciplinas observam-se aplicações dos instrumentos metodológicos como também a importância da linguagem escrita com as crianças que desde cedo deparam-se com a escrita no seu entorno: revistas, livros, embalagens, outdoor, TV. Na perspectiva de como, no espaço escolar, podemos instigar a curiosidade das crianças curiosas, criando hipóteses sobre a escrita na Educação Infantil, abordo no meu trabalho as aprendizagens ao longo do curso.

A monografia está organizada em três capítulos. No capítulo 1, narro a minha história, como pessoa: antes e na chegada ao Pró-Saber: minha experiência profissional anterior, como soube da instituição, minhas expectativas e as primeiras impressões. Também apresento a concepção de educação do curso e os seus instrumentos metodológicos.

No capítulo 2, rememoro o período dos três anos do curso, com os professores, as disciplinas, aprendizagens, experiências vividas e sentidas no espaço de formação docente Pró-Saber.

No último capítulo, expresso a importância do escrever que transforma e organiza o pensamento, com base na minha experiência durante o curso na construção do pensar e das opiniões a respeito dos diversos assuntos. Assim surgiu o interesse em aprofundar o tema da linguagem escrita na Educação Infantil, que envolve a importância da leitura, da escuta, do registro e da participação de todos. Nessa última parte da monografia, apresento reflexões e propostas para um trabalho com a escrita, que aproxime as crianças dos diversos escritos que permeiam o espaço escolar e o mundo, de forma significativa.

1 FORMAÇÃO E APRENDIZADO

Como seres humanos, nos diferenciamos dos animais por nossa capacidade de aprender, mudar, transformar, criar, fazer história, na qual o pensar alicerça esse processo de mutação (FREIRE, 2008, p. 48)

No processo de formação do educador, o pensar alicerça, nos traz para nós e para o outro. A convivência e a experiência transformam os diversos da vida. Refletir possibilita aprender, descobrir e transformar o ser e o que o cerca.

Na trajetória formativa do curso de professores de Educação Infantil pelo Instituto de Educação Superior Pró-Saber, as trajetórias de vida dos educandos têm significado. São elas que constituem os profissionais que atuam na Educação Infantil. Histórias de pessoas que estão em movimento na prática educacional como também na vida social, que são atuantes no processo de formação e na troca de experiências e saberes.

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (Nias, 1991). Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1992, p.13).

Neste capítulo, é apresentada a minha história, como pessoa. Antes e na chegada ao Pró-Saber: minha experiência profissional anterior, como soube da instituição, minhas expectativas e as primeiras impressões. Além disso, apresento a concepção de educação do curso e os seus instrumentos metodológicos.

1.1 Entre estudos

Ao contrário de muitos, quando entrei para educação infantil, não tinha experiência. Minha chegada se deu através de concurso pela prefeitura do Rio de Janeiro em 2011, cargo de Agente de Educação Infantil, com o objetivo de, com um emprego público, obter segurança e estabilidade funcional. Tentei vários concursos vindo a passar nesse que para mim chegou em um momento crucial e significativo da minha vida. Estava com 50 anos e desempregada. Sabemos como é difícil depois de certa idade a retomada ao mercado de trabalho.

Venho de vários setores do comércio. Meu primeiro emprego, com 18 anos, foi como auxiliar de costura por doze meses. Segui por diversas atividades que me mantivessem empregada: vendedora e auxiliar administrativo. A formação exigida para o concurso para Agente de Educação Infantil era o ensino fundamental. Foi possível estudar através de apostilas e desse modo obter a classificação.

Quando tomei posse e iniciei em sala de aula, me senti um peixe fora d'água. Não entendia aquela organização: tempo muito corrido, falas intensas de crianças e professores, tudo girava em torno do relógio. O tempo era um marcador que ditava as regras. Tempo para: entrar, desjejum, rodinha, parquinho, banho, almoço, soninho, lanche, jantar e saída. Tudo isso numa rotina intensa em que tentava ajustar todas as tarefas e aprendizagens do cuidar e educar. E foi nesse emaranhado de informações que decidi que, se quisesse continuar, teria que voltar a estudar.

No ano de 2012, passei no Enem com bolsa 50% pelo Sisu, faculdade Sgnorelli. Solicitei o FIES, e a faculdade revelou que o financiamento só seria possível no segundo semestre. Sem posses, deixei de lado, mas não parei. No ano de 2013, cursei por 8 meses a “Capacitação em Educação Infantil”, financiado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 2014, cursei o normal nível médio formação de professores em 1 ano. Assim, entre estudos e trocando ideias com colegas da instituição onde trabalho e nas redes sociais, conheci o Pró-Saber.

1.2 Uma visão positiva

Numa conversa entre amigos, no Espaço de Desenvolvimento Infantil Carmen Miranda, onde trabalho, soube o que vinha a ser o Pró-Saber. Trata-se de uma instituição particular, que oferece o curso de graduação normal superior gratuito com habilitação em Educação Infantil, oferecido para profissionais que atuam em creches e escolas públicas e particulares, tendo suas inscrições realizadas de três em três anos. Obtive mais informações com outras pessoas e pelas redes sociais.

Notei, ao longo da pesquisa, que o curso é muito divulgado no “boca à boca”, por aqueles que já se formaram no Pró-Saber, ou que conhecem alguém que trabalha nas diversas atividades da instituição. Nos diálogos, as pessoas passaram uma visão positiva do lugar, falaram sobre uma estrutura de estudo que me provocou e impulsionou a querer fazer parte. Tive a certeza que uma vez que ingressasse no curso, teria a base que precisava para atuar na Educação Infantil.

Com o desejo de ingressar no Pró-Saber, em 2014, fiz a inscrição para o vestibular, mas não passei. Aguardei por mais três anos e com perseverança, em 2017, nova inscrição. Dessa vez, fui aprovada. No dia prova, procurei chegar cedo, e observei uma quantidade de pessoas auxiliando os vestibulandos com atenção e cuidado. Em dezembro, ao buscar o resultado, estava ansiosa. Ao ver que fora aprovada, chorei, me emocionei, pois entendia que não seria capaz, por já vir de uma derrota no ano de 2014.

Após matrícula, aguardei ansiosa pela primeira aula, dia 28 de fevereiro de 2018. A inaugural aconteceu em 02 de março. Fomos recebidos pelos professores, no salão do andar de cima, numa enorme mesa. As alunas recém-formadas trouxeram seus depoimentos. Em seguida, a professora Madalena Freire iniciou sua fala sobre o curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil e a importância do nosso olhar, enfatizou a prioridade do escrever para que as memórias não se percam. E nos disse assim. “Somos seres únicos, donos e autores de nossas vidas”.

Naquele momento, a partir da fala da Madalena, vi que no percurso do curso seria uma construção não só das aulas, mas também de nós mesmos, resgatando e compartilhando histórias.

1.3 Escuta e Convivência

O curso aposta na Concepção de Educação Democrática, na qual o pensar, o refletir é um ato singular de cada educando, e as descobertas e mudanças acontecem no grupo. É na interação com o outro, que são provocadas as tomadas de consciência dos atos que praticamos, que nos fazem transformar, acolher e refletir sobre o cotidiano.

Segundo Madalena Freire (2008, p. 56), “na concepção de educação democrática, o processo educativo está sempre no grupo, pois ninguém conhece, aprende, reflete sozinho”. É um trabalho de escuta, de convivência em grupo, de estar aberto a aprender todos os dias. O ser e o ambiente em eterna transformação. Nesse processo, descobre-se que, para avançar, é necessário educador e educando aprendendo juntos, mas cada um com sua autoridade. Professor com rigor para atuar e prosseguir, educando no compromisso do estudar.

Os instrumentos metodológicos abrem um norte, nas diversas disciplinas em que se aprende com o observar, o registro reflexivo da prática, o avaliar e o planejar. Construção do olhar, da empatia, do vínculo leva a compreender o exercício contínuo

para as boas práticas do professor pesquisador e atuante nos desafios do educar, para que não cristalize e possa intervir de forma favorável nos diversos papéis construídos na jornada do assimilar. Na relação entre pares e grupo, em cada aula o desafio é proposto. O ato de pensar não é individual, iniciamos em nossas aprendizagens com um modelo para a engrenagem do aprender. Na vida de grupo por vezes não concordamos, em muitos, somos diferentes.

A observação consiste em ter atenção, escuta da realidade do momento presente. No princípio de cada aula, são apresentados os pontos de observação. São perguntas elaboradas pelo professor e lançadas à turma para serem respondidas no final da aula. As questões focam em três pontos: **aprendizagem**, **dinâmica** e **coordenação**. O ponto de observação da aprendizagem é respondido por cada aluno. Já para responder os pontos de observação da dinâmica e da coordenação costumam ser escolhidos pelo docente dois alunos, um para cada ponto.

Assim, no ponto da aprendizagem, todos os educandos expõem seu entendimento dos conteúdos e participação da aula. No ponto da dinâmica, o educando permanece durante a aula atento aos movimentos, à participação e à discussão do assunto em pauta. E no ponto da coordenação, a atenção é voltada para o ensinar do professor: Como se expressou, acolheu o grupo, deu voz para o entendimento dos conteúdos. Desse modo, os pontos de observação constroem a presença, pois os educandos precisam estar por inteiro para captar movimentos, falas, olhares. Nesse processo, o grupo e o docente refletem sobre a aprendizagem, a partir da exposição do visto e sentido, possibilitando assim, a troca entre o grupo e o professor sobre aquilo que já se sabem e o que vai sendo conquistado durante as aulas. É um exercício para construção da autonomia do pensar e interpretar.

O Registro Reflexivo é um ato de pensar constantemente na aprendizagem. Nosso cognitivo por infinitas vezes traz hipóteses, certezas, incertezas, e nada é definitivo. Através da escrita, exploramos, pesquisamos, testamos para acertar, ou errar. O registro organiza o pensamento e proporciona a apropriação da escrita. Nas suas diversas formas, como fotos, relatórios e sínteses, possibilitam nos colocarmos sobre o que ficou de aprendizagem e estudo vivido. É a reflexão sobre o acontecido; o observado que flechou, incomodou ou mesmo magoou; ajuda a lidar com esses sentimentos. Momento em que não imitamos um modelo; seguimos ponderando sobre todo e qualquer assunto no grupo.

A avaliação é contínua no cotidiano. É estar no constante movimento do ir e vir e saber que nada é definitivo, pode-se voltar a rever a disciplina, observando para planejar o futuro. Nas aulas, o professor - que investiga, pesquisa e, com escuta, dá um passo atrás - observa a elaboração, onde precisa avançar ou retroceder, no seu explicitar. O educando também aprende a observar, ouvir, ensinar, e um e outro - educador e educando - avaliam todo o movimento registrando para organizar e planejar.

O Planejamento é flexível e pode mudar; é algo que ainda não aconteceu. No decorrer da prática, se for preciso, acontece a estratégia de recriá-lo. Nesse processo, um segundo plano entra em ação de acordo com a exigência do momento. Logo, os instrumentos metodológicos são ferramentas importantes para os passos que realizamos através do olhar, de ver e perceber para nos constituirmos em nossa autoria do pensamento. A partir da experiência como aluna do Pró-Saber, percebo que somos autores de nossas experiências na arte de aprender, ensinar, ler, contar histórias e viver.

2 HISTÓRIAS SENTIDAS

Só aprendemos a partir do que sabemos de nossa experiência, do que nos faz sentido, do que tem significado dentro da nossa história. (FREIRE, 2008, p. 43).

De certo o rememorar significam histórias que fazem sentido na formação e estimula novos saberes. Ao narrá-las, sentimentos que são afloradas memórias significativas; é desnudar-se como sujeito que pensa, se emociona e é afetado pelo outro. No decorrer, do curso, produzimos e revivemos saberes. Neste capítulo, apresento o resgate e a trajetória vividos em cada ano.

2.1 O primeiro ano

No primeiro dia de aula, cheguei cedo, pois no ato de matrícula foi recomendado não ultrapassar o horário. Conversei com algumas alunas que ali já estavam e todas encontravam-se como eu, na expectativa de uma nova etapa em nossas vidas: o ingresso no ensino Normal Superior ISEPS. No diálogo com as educandas, percebi que a maioria atuava em creches da prefeitura ou particulares.

Com antecedência, o portão foi aberto pelo funcionário da instituição. O querido Tião nos recebeu com um largo sorriso de boas-vindas. Com interesse, olhei o máximo que meus olhos puderam alcançar. A fonte na entrada, com uma casinha ao fundo, me deu a ideia de uma casa de bonecas, e essa sensação nunca passou: todos os dias em que adentrava ao Pró-Saber, lá estava a fonte cercada por um jardim e a casinha ao fundo com uma linda jardineira.

Quando entrei na sala, observei as cadeiras vermelhas enfileiradas, uma mesa pequena em frente ao quadro branco. Lembro-me que sentei no fundo, assim observando todo o movimento à minha volta. A receptividade em sala de aula não foi diferente de quando atravessei os portões. Logo me senti confortável e confiante nos desafios que o percurso me traria. Fomos apresentados ao programa de disciplinas e foi informado que algumas permanecem pelos três anos: Alfabetização Cultural, Leitura e Escrita e Prática Pedagógica.

Como um bebê em seus primeiros passos, fui conhecendo o objeto para assimilar e acomodar o novo. Assim vejo a minha jornada que me levou a todo instante a pensar em cada aprendizado proposto. Assim, entre histórias dos

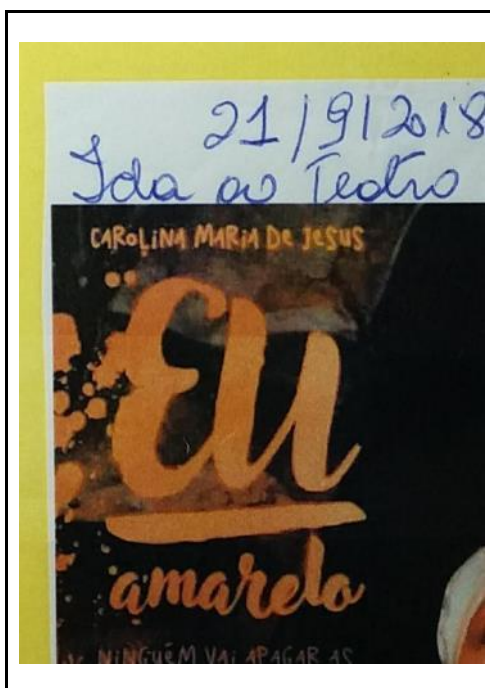
educandos e aprendizagens das crianças de 0 a 5 anos de idade, parti para uma jornada de ver, sentir, conhecer para contar o que vivi e não mais o que ouvi. Descobri em mim a fragilidade de por vezes não acompanhar o raciocínio do professor ou de educandos. Dentro desse ajuizar é que me permito dizer que, para aprender, é preciso ter a humildade de compreender que cada dia é uma organização da aprendizagem que nos leva para o conhecimento.

Com a professora Madalena Freire, tivemos as disciplinas “Instrumentos Metodológicos”, “Concepção Democrática de Educação” e “Concepção de Grupo”. O pensar e refletir na escrita de sínteses aconteceu em debate, em uma de suas aulas, com o tema “Professora sim, tia não”. Nesse contexto, lembro-me que a maioria do grupo foi a favor do “tia não”. A professora Madalena Freire explicou que a professora é um ser institucional e a “tia”, ser familiar, cada uma com seu papel e respeito. Nesse enlace, fiquei por semanas educando o meu olhar e pensamento nessa perspectiva. Lembro que em minha síntese falei a respeito de como me sentia nesse contexto tão enraizado do “tia”.

Aos poucos fui compreendendo, afinal, era algo novo para mim; difícil observar e fazer a mudança. Errar e aprender, compreendi a importância em nos colocarmos diante dos alunos com nossos nomes, priorizando nossa identidade. Nos diálogos com os responsáveis e as crianças, passei a chamá-los pelos seus nomes, assim como também, a chamar-me pelo meu. Estabeleceu-se uma nova perspectiva do papel de cada um no espaço do cuidar e educar. Deixei a “tia” e ganhei corpo de “professora”.

A disciplina de “**Oficina de Leitura e Escrita**”, com a professora Liana Castro, me levou a dialogar e organizar meus pensamentos. Minha trajetória com a leitura começou tarde, mas sempre gostei de ler. Nas aulas, conheci muitos autores e visitei suas obras. O que mais me tocou foi o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. A escritora, em seu diário, retrata a realidade de muitos ainda hoje no Brasil: a demanda da fome dos menos favorecidos que precisam de ajuda. Apesar da alegria, da poesia, dos cantos e das danças, a falta de condições e saneamento no nosso país ainda acometem a muitos, sendo problemas sociais. Além da leitura do livro, fomos ao teatro Sesc Tijuca para ver a peça “Eu Amarelo”, que conta a vida e obra da escritora.

Fotografia 01 -- Banner Eu Amarelo



Acervo da autora

Na disciplina “**Alfabetização Cultural**”, com a professora Melissa Lamego, confesso que fui resistente algumas vezes. Pode ser por não ter tido contato e convivência com a culturalidade da cidade. Mas sempre me dei a chance de experimentar, sentir. As visitas culturais foram e são relevantes na constituição do ser; é preciso conhecer para aprender e dar espaço ao novo. O estudo e conhecimento nos tira do lugar; não somos mais os mesmos.

Mais experiente nessa jornada, percebo que a partir do momento em que entrei para o Pró-Saber, levei para o mundo algo que já tinha e não sabia administrar. Revivo olhares, ações, grupo, sala de aula, momentos e papéis que trocamos e vivemos sendo nós numa trajetória de resistência, luta, compreensão, discussão, amizade, raiva, afeto, construção de convivência, interação, acolhimento, vínculo e troca. Mas nunca na indiferença, esta que marca e não impulsiona o aprendizado. É preciso se expor para compartilhar saberes e comunicar-se com autonomia de quem aprende sendo educando para ser educador.

Nessa disciplina, tivemos a experiência de visitar o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Lugar lindo e majestoso. No dia 7 de abril de 2018, assistimos à peça “Ballet Du Capitole de Toulouse” - “Nos Passos de Nureyev”. Quando entrei, fui

tomada por estranhamento e encantamento, como uma turista em outra cidade. Após explorar os ambientes, tirar fotos, comprar o programa, direcionar-me às cadeiras, comparei o cenário como uma arena ornamentada para um espetáculo. Observei os assentos inclinados, o que me deu a sensação que iriam cair. Quando o espetáculo iniciou, achei lindo ver os bailarinos como lamparinas na escuridão. Com curiosidade, interesse e atenção, por vezes não entendia os atos acontecidos, afinal foi meu primeiro contato com o *ballet*; estava afinando o olhar e a percepção. Foi uma experiência diferente da cultura até então vivida. O programa com os segmentos ajudou-me na compreensão do espetáculo e do famoso bailarino “Nureyev”; conheci sua história, contribuição e inovação para o ballet Clássico.

Fotografia 02 -- Teatro Municipal



Acervo da autora

Na disciplina “**Introdução a Psicopedagogia**”, percebi um aprofundamento na compreensão da criança e de suas dificuldades de aprendizagens. A psicopedagogia estuda como o sujeito aprende, através do melhor que a criança traz para ultrapassar barreiras. A “construção do ser cognoscente” é determinada pelas dimensões racional, afetiva e social. Estudar essas dimensões possibilita que o professor conheça o educando e suas áreas de maior habilidade, o que é um meio de inserção da criança para transpor os obstáculos e prosseguir na construção da autonomia.

A professora dessa disciplina, Heloisa, exibiu um vídeo com o filme “Como estrelas na terra” (Índia, 2007) que ilustra essa perspectiva. Na narrativa do filme, uma criança é incompreendida pelos responsáveis e professores. A chegada de um

docente substituto, de olhar observador e sensível, muda o rumo da história. Ele busca compreender aquele ser “cognoscente” e ajudá-lo a vencer o que lhe impedia de aprender. O professor percebeu o talento do educando para a arte, conseguindo então inseri-lo no ambiente escolar.

Com o filme me veio à mente as crianças que cada vez mais saem do anonimato para a escola. Houve um tempo em que eram segregadas; hoje, com seus direitos assegurados à educação, também as crianças, com dificuldades/deficiências diversas, estão presentes na escola. Muito bom seria se todos nós professores tivéssemos esse olhar acolhedor e percebêssemos não só as dificuldades dos alunos, mas também o melhor de cada um. Com estímulos, essas crianças podem crescer, aprender, construir sua autonomia.

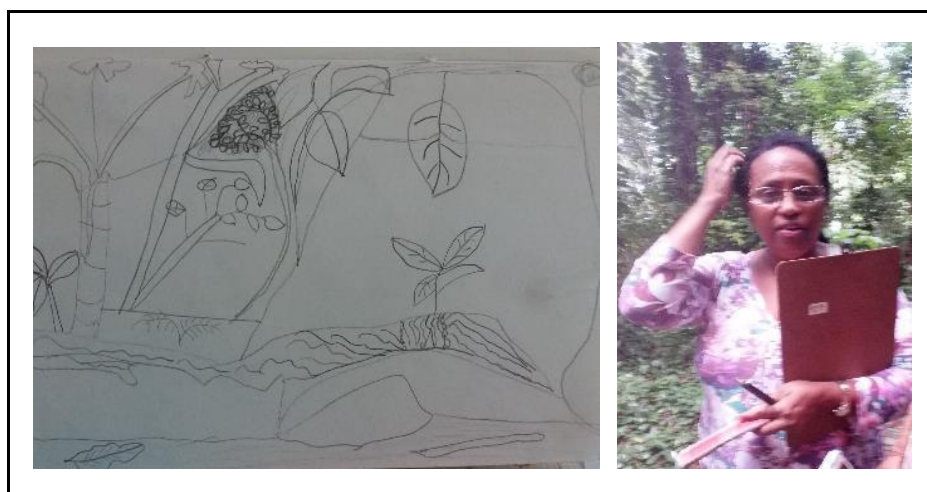
Na disciplina “**Etapas evolutivas do Desenho**”, com as professoras Clara Araújo e Madalena Freire, estudamos os estágios de desenvolvimento das crianças. Através de seus desenhos, observamos as garatujas desordenadas, ordenadas longitudinais, circulares, escritas, mesclas, nominadas, pré-esquemas. No trabalho com o desenho, é preciso incentivar, elogiar e possibilitar diferentes materiais, dando importância e significados para as criações das crianças.

Em “**Arte e Educação**” ambas se manifestam, interligadas, nas diversas experiências no espaço Pró-Saber. A música conversa com o corpo, a escrita, o desenho, se tornando parte do ser humano, compondo uma única unidade de desenvolvimento do pensar, refletir e agir. Nas aulas de Corpo e Movimento, a professora Juliana Medella, no seu ensinar, leva-nos a conectarmos com o nosso corpo; para isso, o silêncio muitas vezes se faz necessário. Com a professora Luana Vieira, que trabalhou o nosso desenho, buscamos compreender a nossa marca e o nosso jeito de desenhar, sem o autoritarismo do certo, errado, bonito ou feio.

Em aula-passeio no Parque Lage, observamos o entorno e atentamos à sensação de estarmos no verde da natureza. Os animais silvestres, por exemplo, estavam num movimento frenético com a passar de ida e volta dos visitantes. O encontro sob a orientação da professora Luana me mostrou um olhar disciplinar de ver e desenhar a natureza e seus deslocamentos.

Desenho 01 -- olhar Observador

Fotografia 03 -- Parque Lage



Autora: Josimar da Silva

Acervo da autora

A disciplina “**Filosofia e a História da Educação**”, com a professora Paula Padilha, através da leitura do livro de Edgar Morin, “Estética”, despertou a beleza e a poesia do prosaico, que por vezes nem percebia.

Já a professora Cláudia Sabino, na disciplina “**Prática pedagógica**”, orienta sobre a importância da família e da rotina escolar. Pensamos nas parcerias com as famílias, a fim de reforçar os vínculos, para que as crianças sejam compreendidas, respeitadas e ouvidas. Discutimos a instituição, a infância e os desafios do espaço de cuidar e educar.

O ano de 2018, no entrelaçamento das disciplinas, fomos levados a um denominador comum: sentir, pensar, transbordar ideias e criar para inovar. Foi um ano de revelação de mim para mim, em que pude aprender e compreender o ser social que sou, em constante transformação.

2.2 O segundo ano

No terceiro e no quarto semestres, nossas experiências e aprendizagens alargaram-se. A disciplina “**Educação Especial e a Perspectiva da Inclusão**”, com a professora Ana Elisabete Lopes, marcou nossas discussões sobre os enfrentamentos que responsáveis e crianças atravessam para terem seus direitos garantidos na educação em escolas regulares. Esses enfrentamentos são necessários, muitas vezes, independentemente de suas necessidades específicas, que não se tratam de doença e sim alguma dificuldade. O papel de educador é

oportunizar o desenvolvimento das potencialidades, o que é garantido pelas leis educacionais para que todos tenham oportunidades iguais.

Capítulo V da Educação Especial Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. (BRASIL, 1996).

Também com professora Ana Elisabete Lopes, tivemos a disciplina “**História da Educação Infantil**” sobre os marcos e avanços da Educação Infantil. Voltamos na história, num tempo em que crianças não tinham direito nem voz; eram rejeitadas na roda dos excluídos (1950). As primeiras creches, no Brasil, datam do século XIX e tinham caráter filantrópico. Com o avanço da entrada das mulheres no mercado de trabalho e as reivindicações de espaço para deixar os filhos, o número de creches foi ampliado, mas com a marca do assistencialismo.

Com a Constituição de 1988 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96, a creche e a pré-escola foram incluídas no sistema brasileiro de ensino, compondo a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. Assim, as creches deixam de ter um caráter assistencialista e passam a ser responsabilidade das secretarias de educação. Com essas novas leis, sobretudo com o Estatuto da criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), a criança passa a ser respeitada como sujeito de direitos. E assim as crianças cada vez mais têm diretrizes que as protegem, garantindo seus direitos à educação, com vez e voz, sendo reconhecidas como sujeitos de cultura e história.

A disciplina “**Construção das Estruturas Infralógicas e Lógicas**” foi com a professora Adriana Fortuna. Estudamos que cada fase da criança é importante, não podendo ser pulada. É preciso partir do que as crianças já sabem, levando em conta suas histórias e singularidades; assim, temos um caminho a explorar para que possam construir seus esquemas e dar seus saltos qualitativos. Para construirmos essa compreensão, estudamos o teórico Jean Piaget: epistemologia genética e os estágios do desenvolvimento, observando que a criança constrói seu aprendizado. Esse estudo se deu em diálogo com a professora Elaine Caetano na disciplina “**Desenvolvimento lógico e afetivo das crianças de 0 a 5 anos de idade**”.

Os “**Teóricos da Educação**” foram estudados com a professora Heloisa Protásio, trazendo a teoria de grupo com Pichon Riviére e Madalena Freire, que tratam do ser humano e suas mudanças a partir da convivência em grupo. No grupo,

cada um vive diferentes papéis, que se alteram de acordo com a dinâmica. Dessa forma, aprendemos com o outro e assim o grupo se constrói na constância do outro.

Na disciplina **“Ciências Sociais e seus Marcos”**, com a professora Maria Cristina, estudamos a história do Brasil e o emaranhado de problemas que perpetuam, pois os donos de terra continuam a mandar e ganhar. No Brasil das desigualdades sociais, em sua extensão e diversidade, há pessoas no poder ou fora dele que atuam para oportunizar melhorias e qualidade de vida, seja por questões econômicas, cor, religião, gênero. Nesse contexto me vi e refletir sobre o meu papel social, com tantas demandas, e me dei conta que sozinhos não resolvemos problemas. Em grupo, dialogando na construção do conhecimento, expondo opiniões, e nos reconhecendo como ser social e político, conhecer leis e programas sociais -, vimos que podemos atuar de forma ativa. Fomos instigados a saber nossos direitos e deveres, candidatos eleitorais, nosso entorno e problemas locais, a cidade e as suas histórias. Dessa forma nos sentimos parte e próximos do estado, cidade e bairro a que pertencemos. Por certo não resolvemos tudo, mas no pouco alcançamos metas sendo cidadãos ativos no nosso entorno.

“O currículo na Educação Infantil” foi apresentado pela professora Patrícia como um caminho para as boas práticas. Nessa disciplina, os livros de histórias infantis e os diversos gêneros textuais foram pensados como eixos disparadores para atividades significativas do planejamento, em que as crianças possam brincar, participar, conviver, explorar, expressar e conhecer-se. O trabalho com o nome das crianças também foi um dos conteúdos: a relevância do nome gera curiosidade para avançar no som das palavras. Pensamos em experiências ricas e lúdicas e experimentamos algumas, quando numa aula fomos instigados a dizer um objeto com a primeira letra do meu nome; tropecei, mas segui no ritmo com o grupo na aprendizagem. Percebi como o nome é significativo, é a nossa identidade, algo que já é da minha leitura de mundo e pode instigar outros conhecimentos.

Na disciplina **“Alfabetização e sua Didática”**, com a professora Clara Araújo, estudamos a Psicogênese da Língua Escrita, estudo das psicolinguistas Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. Com base nesses estudos, compreende-se que desde cedo a criança deve estar inserida num ambiente alfabetizador com atividades que sejam de seu interesse. Dessa forma, é possível desenvolver e perceber sua curiosidade para que ela crie hipóteses sobre a escrita e busque saídas para resolver os desafios. Sendo assim, as crianças constroem o próprio conhecimento.

A disciplina **“O Brincar e sua Importância na Educação Infantil”** foi coordenada pela professora Cristina Porto. Compreendemos que a criança, na Educação Infantil, precisa da ludicidade para seu desenvolvimento, com atividades objetivadas no brincar. Dessa maneira, as crianças, na ludicidade, experimentam desafios, união, socialização, afeto, atenção, criação, imaginário; resolvem problemas, constroem cultura lúdica, conhecem o mundo e a si mesma. Brincar é estar juntos, interagir, ensinar e aprender com o outro.

O brincar faz parte de todas as épocas e, quando nos permitimos, ele nos traz memórias de brincadeiras que fizeram parte de nossas histórias. Com essa provocação, a professora Cristina nos levou à brinquedoteca do Pró-Saber. Fiquei fascinada com a acervo do lugar: jogos diversos, miniaturas de carrinhos, pé na lata, corda, cantinho dos livros. O que me chamou a atenção é que eles estavam organizados como se me chamassem para brincar. Com interesse, olhei as estantes, brinquei, joguei, me diverti.

No espaço onde atuo, havia brinquedos que eu não sabia mexer e, a partir da visita a esse espaço do lúdico, algo mudou em mim. A vontade do brincar levou-me a entender os brinquedos e seu funcionamento como também os jogos que dialogam com a linguagem. Nas aulas, pulei amarelinha africana e corda, brinquei com pé na lata, montei quebra-cabeças, errei e avancei. O grupo não me deixou parar e me fez pensar que, no espaço onde atuamos com as crianças, devemos incentivar o brincar, fundamental para novas criações. É preciso respeito ao tempo de cada criança na apropriação das brincadeiras, e nós devemos ter olhos de ver e escuta para perceber a singularidade que permeiam no espaço.

Fotografia 04 -- Brinquedoteca

Fotografia 05 -- Jogando



Acervo: Professora Cristina Porto

2.3 O terceiro ano

Neste último, fizemos o quinto e o sexto períodos. As dificuldades do dia a dia com a chegada do novo Coronavírus, mudou radicalmente não só a minha vida como a de todo o planeta. As pessoas se reinventaram; empregos e vidas foram ceifados; o medo se instalou. A pandemia provocou uma mudança também no curso: de presencial passou a ser *on-line*. Vivenciamos a tecnologia, de forma intensa, como expressão e comunicação.

Mesmo com a mudança, o Pró-Saber não nos deixou de fora, reinventando-se com as aulas virtuais. A cada encontro, construção e adaptação como parte de um novo aprendizado. Orientada pelas professoras Maria Delcina Feitosa e Flávia Quadreli, aprendi que a tecnologia nos rodeia e vem para mudar e melhorar o modo de viver das pessoas, desde a fórmula de remédio a um aparelho de utilização doméstica; todos podem e devem se beneficiar. Avançando no uso das ferramentas e aplicativos de forma construtiva e responsável, a escuta e a atenção se fizeram redobradas em minha percepção. Os encontros se tornaram dinâmicos e ativos para não perder o foco.

Nesses dois últimos períodos, várias disciplinas que nos acompanharam antes continuaram ou voltaram: “Alfabetização cultural”, “Currículo na educação infantil”, “Leitura e Escrita”, “Psicologia da comunicação”, “Autoformatação pelo uso da TICs”, “Prática metodológica”, “Prática Pedagógica”, “Professor e seu papel Político”.

Nesse novo modo de aprendizagem, a “**Matemática**”, que é uma disciplina, no meu entender, vista como secundária, foi importante para aprender como aplicá-la de forma brincante. A literatura foi apontada como uma possibilidade de inspiração na construção de um caminho criativo: através da leitura, com ludicidade, tratar de diversos conceitos da matemática na Educação Infantil.

Na continuação da “**Língua portuguesa**”, com a professora Alexandra Pena, estudamos a importância da linguagem escrita na vida das crianças. O professor deve trabalhar com respeito à cultura de cada criança para atuar de forma social e prazerosa na comunicação. Além disso, devemos proporcionar o contato com a língua falada e escrita, possibilitando à criança conhecer, se expressar e entender todos os contextos indiferentemente de sua classe social.

Assim como essa, todas as disciplinas chamam minha atenção para as diversas formas de linguagem em que precisamos favorecer o contato para que as crianças possam, com suas curiosidades, esmiuçar esse universo que sinto ser a flor do conhecimento. A linguagem em toda sua forma de expressão é vida, movimento que instiga desvendar. Seja com a música, expressão corporal, linguagem oral, Libras. Dessa forma, garantimos oportunidades iguais para que todos tenham acesso e direito de se comunicarem dentro de sua cultura, se conhecendo, e também ampliando suas possibilidades de comunicação. Nessa perspectiva, estudamos sobre o preconceito linguístico e que a forma de comunicação de cada universo deve ser respeitada, pois cada grupo vive sua singularidade e cultura. E é nesse universo tão diverso que o mundo vive e precisa ser um movimento de vai e vem de conhecimentos das diferentes culturas que temos e das muitas que não conhecemos.

Na disciplina “**Prática metodológica II**”, a professora Cristina Porto nos acompanhou e fortaleceu a nossa postura como pesquisadoras, tanto da nossa prática cotidiana com as crianças quanto na construção da monografia.

Apurando nosso olhar pesquisador, compreendemos que a observação das crianças e do espaço onde atuam possibilita perceber suas infâncias de diferentes ângulos. As aulas ajudaram a apurar esse olhar, como também a usar os instrumentos metodológicos. Como observar o espaço físico, as possibilidades e as realidades da creche? É necessário que haja tempo para observação e análise do que estamos oferecendo no espaço de Educação Infantil.

A pesquisa dos movimentos das crianças e de seus modos de brincar, direito assegurado no espaço de Educação Infantil, é potencializada pelos registros

fotográficos e pela escrita de sínteses das experiências da prática profissional. Observar e registrar para avaliar e planejar.

Dessa forma, a professora orientou e nos aproximou da pesquisa sobre a nossa formação no curso. Refletimos os passos relevantes dessa jornada. Foram evocadas as experiências significativas ao longo do processo, com o foco ao que acontece no cotidiano e aos momentos de participação e de necessidade de intervenção e busca de soluções. A experiência sentida transforma e afeta.

Compreendemos que o acervo pode e deve servir de base para a escrita da monografia, pois aprendemos sobre os diversos tipos de registro que foram feitos ao longo do curso. Nesse caminho, fomos desafios a escavar memórias nos nossos escritos para o desenvolvimento do trabalho, a rememorar nossas histórias.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p. 419).

O processo de rememorar, provocou o grupo para a reflexão do aprendizado, desvendando a diversidade das compreensões individuais. Na interação do grupo, trocamos sobre nossas histórias e afetamos uns aos outros nesse processo de ser educando, aprendendo a ser educador.

3 EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA QUE TRANSFORMAM

“Escrever não é só registrar palavras. [...] Escrever é marcar, registrar o que pensa. Escrevendo, guardamos nosso pensamento para não ser esquecido” (FREIRE, [19--]).

Durante o curso percebi a dinâmica da escrita constante em cada aula, o desafio de escrever todos os dias sob um tema diferente me impulsionou a ler mais para organizar o pensamento. As sínteses me levaram para o lugar do pensar no que aprendi, como me sinto e me expesso. Certa vez, numa aula, uma professora nos disse assim: “escrevam, ponham tudo no papel, depois se organizem, aos poucos vai fluir”. Com o exemplo, sigo em frente e, a cada novo texto, percebo que quanto mais escrevemos formamos opinião acerca do que vivemos. A minha história acadêmica que hoje escrevo com minha marca, meu pensar, é a transformação em escrita de todo o vivido.

A partir da experiência com a escrita no curso, nasce o desejo de aprofundar o estudo sobre o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil. Este tema foi enfatizado em várias disciplinas no decorrer do curso de formação, “Lecto Escrita”, “Currículo na Educação Infantil II”, “Metodologia de Língua Portuguesa”. Os importantes conteúdos abordados nas disciplinas são recuperados nesta última parte do trabalho.

Neste capítulo, apresento um estudo sobre o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil, articulando as teorias estudadas e a minha prática.

3.1 O que cabe na Educação Infantil?

As crianças, quando inseridas em sociedades letradas, se relacionam com a linguagem escrita, em seu cotidiano, mesmo sem saber ler. E, quando chegam ao espaço escolar, elas trazem seus saberes e suas culturas familiares.

Diante disso, é importante promover vivências nas quais elas possam falar e ouvir, para que troquem, se conheçam e nós a elas. Em relação ao trabalho com a escrita, este deve ser pensado a partir do que já sabem. O professor deve articular propostas pedagógicas com o objetivo de ampliar as experiências de escrita, com diferentes gêneros textuais.

Sabemos que na educação Infantil não há a obrigatoriedade de aprender a ler e, pela legislação brasileira, não pode haver “antecipação de conteúdos que serão

trabalhados no Ensino Fundamental" (BRASIL, 2009). No entanto, é direito das crianças, que desde cedo convivem com a escrita no seu ambiente familiar, que tenham experiências, na creche e na pré-escola, em que possam brincar com as palavras, interagir com os materiais escritos da nossa sociedade e criar hipóteses sobre a escrita. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil determinam que.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. (BRASIL, 2009)

Já a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) organiza o currículo da Educação Infantil em cinco campos de experiência. O campo de experiência **“Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”** trata da exploração de diferentes linguagens, que possibilitem às crianças se compreenderem e ampliarem as suas possibilidades de expressão, no seu ritmo, do seu jeito, valorizando a sua cultura.

Para respeitar o ritmo de cada criança, é preciso um olhar atento ao modo como cada uma se apropria da linguagem escrita. Os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky possibilitam essa compreensão. Segundo as autoras, as crianças começam a representar seus pensamentos e sentimentos através de desenhos. Nesse processo, surgem uma variação de traços quando elas percebem que desenhar não é escrever. Para Ferreiro (2001, p. 10), "do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas". Compreender as hipóteses que as crianças vão criando para escrever possibilita planejar experiências que impulsionem o seu desenvolvimento.

Essas experiências com a linguagem escrita na Educação Infantil envolvem: acompanhar, incentivar, elogiar, oportunizar, ampliar. Através da escrita de seus nomes, por exemplo, é possível estabelecer relações com outras palavras, com livros infantis, mídias de TV, celular, pertences. Dessa forma, aproximamos as crianças da linguagem escrita, através do brincar e das interações, de forma que se sintam confortáveis.

As experiências do cotidiano do grupo são fundamentais nesse processo: contar e ler histórias, roda de conversa, troca de notícias de jornal, pesquisa em

revista, desenho, chamada, registro do tempo, nomes nos pertences (mochilas, agenda escolar). São textos que conversam com a realidade das crianças e possibilitam que elas criem, levantem hipóteses, participem, recriem o que compreenderam, conversem entre si e com os adultos da instituição, escrevam bilhetes. Cabe aos professores oportunizar experiências que as crianças se apropriem dessa linguagem para atuar no mundo que as cercam, o que é fundamental para que sejam cidadãs ativas.

A partir desses estudos, apresento algumas reflexões sobre minhas experiências, relacionando os conhecimentos construídos no curso com a minha prática na creche.

3.2 Reflexões sobre algumas experiências

O trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil implica escutar as crianças com atenção. A professora Alexandra, numa de suas aulas, nos questionou: “Será que ouvimos as crianças?” O pensar se fez presente. Voltei-me como num filme para a sala de aula, onde atuo numa turma de maternal I. Reconheço por vezes que o causador dessa falta de escuta é a falta de tempo. O que está sendo priorizado na rotina para perdermos suas falas?

Isto não quer dizer que não me importo com elas ou não lhes dê atenção. Gosto e tenho prazer em ouvi-las. É nessa troca que vou conhecendo o singular e construindo vínculos. Elas me ensinam a conhecer seus desejos, medos e modos de pensar. E é assim que sou capaz de buscar um planejamento que converse com suas realidades, ampliando suas experiências para que a linguagem oral e escrita se desenvolva.

Percebo, assim, que o curso despertou o meu olhar e a minha escuta para as brincadeiras, para o tempo de cada criança, para seus desejos, suas vozes, suas escritas. Desse modo, me aproximo do professor que atua numa concepção de educação democrática, que necessita de cumplicidade de todos os participantes. Penso que o trabalho com a escrita deve seguir por este caminho, de modo presente no cotidiano com as crianças, que desde cedo se relacionam de forma espontânea com a linguagem escrita.

Durante o curso, percebi a importância da presença dos livros infantis no cotidiano da Educação Infantil. A leitura de histórias possibilita, além do fortalecimento

de vínculos, a brincadeira, a imaginação, a reflexão... As crianças percebem que as palavras também podem narrar histórias de bruxas, de monstros, aventuras...

A experiência que irei relatar a seguir mostra como a leitura e a escrita caminham juntas. Em uma das aulas do curso, a professora Patrícia Gonzalez nos convidou a escrevermos uma carta para a colega de sala. Esta foi escolhida na chamada, com a proposta de um aluno chamar o outro. O assunto da carta seria escrever sobre um momento de leitura e escrita em atuação no espaço da creche. Escrevi sobre uma experiência de leitura da história "João e o pé de feijão". Turma de Maternal I - 2 a 3 anos de idade.

Após uma breve apresentação da história, relatei as atividades realizadas a partir da leitura. Foram necessários três dias ricos e prazerosos para que as crianças transformassem em escrita suas falas e seus pensamentos.

Iniciou assim: na roda de conversa levei alguns livros para a escolha das crianças, e o escolhido foi "João e o pé de feijão". Depois da leitura, conversamos, a partir das seguintes perguntas: "gostaram da história? Quem aparece na história? Quem quer ler para mim e para a turma?"

Durante a conversa sobre a história, os pequenos comentaram sobre o que ouviram e observaram nas imagens e também sobre suas realidades.

- Do gigante!
- O pé de feijão grande.
- Na minha casa tem cavalo.
- Na minha casa eu como feijão, arroz e ovo. (Larissa)
- Lá na terra! (Daniel)
- É na planta! (Giovanna)

E assim, durante essa nossa conversa, falamos sobre o alimento feijão. Perguntamos: "Como ele nasce? Já viram como os grãos são pequenos? Que tal se o plantarmos para vamos vermos que tamanho vai ficar? Então vamos escrever tudo isso aqui no nosso blocão e cada dia que concluirmos a tarefa vamos dar um ok, combinado?" A partir de então, desenvolvemos uma série de propostas que foram sendo construídas com as crianças:

- Desenhamos a silhueta de dois amigos para montarmos o nosso João. Fizemos dois bonecos de papelão, e eles passaram a ser nossas mascotes, vestido com o uniforme da escola;

- Confeccionamos roupas para o final de semana. Na sexta feira, o uniforme era substituído. Também trocávamos a roupa de acordo com o tempo: frio, calor... Os dias da semana e o tempo eram observados pelas crianças no **calendário** e na atividade **janelinha do tempo**;
- Escrevemos bilhetes para casa pedindo aos familiares feijões para plantarmos em nossa horta. No blocão, escrevi o nome de cada criança com as palavras ditas por elas ao lado. Juntos, montamos essa escrita que iria para casa naquele primeiro dia;
- Na roda, escolhemos um adulto para ser o nosso gigante. Foi feito com papel quarenta quilos e o enchimento com jornal. As crianças se divertiram no amassar e rasgar;
- Fizemos uma árvore grande em papelão. A pintura foi feita com os pés das crianças, e os feijões foram pintados um a um por elas. A árvore foi colada na parede da sala tendo em seus galhos velcro para fixar os feijões pelas crianças. Como tinham feijões grandes e pequenos, a árvore virou um jogo durante a chamada: após a música com o nome da criança, ela pegava sua ficha com seu nome e foto e, em seguida, era desafiada no jogo do feijão. A criança escolhia o feijão (grande ou pequeno) e o colocava na árvore.

Rememorar o que ficou registrado em mim dessas atividades ressignificou o aprendizado da aula: a importância da leitura, da história, de escutar as crianças, de registrar suas falas por escrito. Percebi que, com a participação de todos, surgem mais possibilidades de explorar a escrita, a fala, a imaginação. Nas rodas de conversa, as crianças relacionam as propostas com suas leituras de mundo, pois estão atuando sendo produtores de suas aprendizagens contadas.

Creio que seja esse o fundamento da formação: é você constantemente se avaliar na prática e o que essa proporciona para as crianças. Em relação à escrita, é preciso perceber como elas se apropriam do escrito evidenciado nas histórias e nos tantos outros contextos letrados. A partir das reflexões dessas experiências, percebi que assim como as crianças precisam de repetição nas histórias, professores também necessitam desse encontro de avaliar as práticas para avançar nas estratégias do ensinar.

Fotografias 06, 07, 08 e 09 -- Atividades de escrita



Acervo da autora

3.3 Proposições para o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil

A partir das reflexões e dos estudos apresentados nos itens anteriores, sintetizo aqui algumas proposições para um trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil que “faça de fato diferença nas vidas das crianças” (CORSINO, 2012, p. 64):

- Momento de escuta e registros das falas das crianças;
- Escritas cotidianas com as crianças: bilhetes, agendas, textos coletivos etc.;
- Experiências de leitura de diversos gêneros textuais, com recursos que favoreçam o prazer e o gosto de ouvir, ler e contar histórias;
- Disponibilizar bons livros para crianças em cantos de leitura nas salas;
- Disponibilizar e explorar materiais escritos nas salas, como revistas, folhetos, encartes, jornal etc.
- Brincar de Mercado, com rótulos de embalagens (pasta de dente, caixa de leite, de chocolate, caixa de Maizena, leite em pó...) organizados na altura das crianças para investigação delas;

- Quebra-cabeça dos nomes próprios, do corpo humano, entre outros;
- Brincar de trava-línguas (Exemplo: “O rato roeu a roupa do rei de Roma”).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] na concepção de educação democrática, o processo educativo está sempre no grupo” (FREIRE, 2008, p. 56).

Durante a escavação das memórias do percurso de formação, fui e voltei nas lembranças de tudo que tenho experienciado até aqui. As recordações me tiraram do lugar, pois percebo que já não sou mais a mesma. Quando as visito, vejo como são ricas e de como me transformei nesse tempo de pensar e aprender na prática e com a teoria, que certifica e enriquece o conhecimento.

É relevante perceber como eu já sabia de muitas coisas, mas a conscientização desses saberes alcancei no curso, praticando a observação, o pensar reflexivo, o registro de escrita, realizando leituras e tarefas. São as referências de tudo que tenho aprendido que levo para vida e compartilho com todos que estimo: família, amigos, grupos e professores. Estes que, na jornada, estiveram ao meu lado, no incentivo, desafio nas experiências vividas de educação democrática e libertadora.

Em relação à linguagem escrita na Educação Infantil, o nosso papel é o de promover situações no cotidiano em que as crianças, ao ouvir, ler, contar histórias, possam imaginar e compreender o mundo a sua volta. Além disso, promover experiências significativas com a escrita no nosso cotidiano com as crianças.

No curso para a formação Docente Pró-Saber, percebi como os instrumentos metodológicos auxiliaram no observar, registrar, refletir as experiências vividas. O professor deve ser um observador, que reflete e procura compreender as crianças, para assim organizar um ambiente alfabetizador. Dessa forma, através da linguagem escrita, as crianças são instigadas a formular hipóteses, imitar, imaginar e desenhar. Esse processo de conquistas e descobertas expande a cultura escrita nas diversas formas do pensar e constitui o ser humano.

Mediante a tantas conquistas e experiências que me fazem consciente daquilo que aprendo, o caminho vai sendo experimentado e construído. Com a minha história, espero incentivar a liberdade, o estudo e o conhecimento do mundo através da educação. Desejo provocar descobertas e despertar a consciência do ser humano como um ser social, que atua dentro e fora dos espaços institucionais, fazendo a diferença no coletivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem, **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

BÍBLIA, N. T. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 nov. 2020.

COMO ESTRELAS na Terra. Direção de Aamir Khan e Amole Gupte. Índia: Amole Gupte, 2007. (2h 42min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6rxSS46Fwk4>. Acesso: 20 nov. 2020.

CORSINO, Patrícia. A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeiras. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales. 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Madalena. **A Psicogênese da escrita: de Vigostky a Emilia Ferreiro**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, [2---]. (mimeo).

FREIRE, Madalena. **Da leitura do mundo à leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, [19--]. (mimeo).

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 20 jul.2020.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992. (Coleção Ciências da Educação). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.